

FFF versão 2.0: uma possível actualização dos três Fs associados ao Estado Novo

FFF version 2.0: a possible update to the three Fs associated to Estado Novo

Cláudia Fernandes

Universidade de Viena, Viena/Áustria
Doutora em Estudos Românicos
claudia.fernandes@univie.ac.at

RESUMO: Em Portugal, ao longo da contemporaneidade, a relação entre política e futebol foi tendo diversas abordagens, servindo diferentes interesses e veiculando várias causas. A associação comum dos FFF: Fado, Fátima e Futebol ao Estado Novo ficou bastante enraizada na memória colectiva como uma forma de manipulação do povo, mas na verdade foi mais do que isso, pois acabou por ser uma manobra útil de política internacional. Passados estes anos todos, a improvável conjugação dos três Fs voltou a formar-se de modo completamente tão surpreendente como vitoriosa. No entanto, até que ponto isso poderá espelhar-se na cena política actual, poderá falar-se de uma nova versão do velhinho mote Fado, Fátima e Futebol ou será que estamos diante de um novo paradigma cultural? Houve aproveitamento político ou será que o sucesso dos FFF, nomeadamente o futebol, reflectem um cenário político novo?

PALAVRAS-CHAVE: Política; Futebol; FFF; Selecção nacional; Estado Novo.

ABSTRACT: The relationship between politics and football over the years, in Portugal, has had several approaches, serving different interests and supplying various causes. A widespread association between the so called three Fs: Fado, Fátima and Football to the dictatorship regime of Estado Novo (New State) is still present in the collective memory as a means of manipulating the population, but in fact, it was more than that, since it was also an useful resource for international politics. After all these years, the unlikely combination of the three Fs was set again and it was not only surprising but a lucky, winning combination. Was this a reflect from the present politics, and is it possible to refer to it as na updated version of the old Fado, Fátima and Football, or is it a new cultural paradigm? Did the government profited from this or is it that the FFF reflect a new political constellation?

KEYWORDS: Politics; Football; FFF; National team; Estado Novo.

Apesar da sua origem elitista no final do século XIX, o futebol difundiu-se em Portugal rapidamente entre todas as classes sociais tornando-se numa das actividades mais transversais da sociedade portuguesa ao longo das décadas seguintes. Além da sua vertente lúdica, esta actividade desportiva viu-se por diversas vezes envolvida nos meandros da política de forma propositada ou casual. A relação estreita entre futebol e política estará largamente marcada na memória colectiva através da conjugação dos chamados FFF ao Estado Novo. Aliado a Fado e Fátima, o Futebol consistiu numa combinação vencedora para o regime de então. No entanto, o futebol tornou-se também vantajoso politicamente para justificar a unidade e multiculturalidade do Império Português e consequentemente a manutenção das Províncias Ultramarinas, perante as pressões para a descolonização da comunidade internacional. A angariação de jogadores na África Portuguesa consistia num recurso bem-sucedido, tanto em termos desportivos como em termos políticos. Será que cerca de meio século depois voltamos a assistir à combinação dos FFF? Em Fátima comemorou-se em 2017 o centenário das aparições, o futebol português atingiu finalmente a glória no Campeonato da Europa de 2016 e, apesar do Fado estar novamente em voga, este F pode ter sido substituído por “Festival”, uma vez que Portugal conseguiu em 2017 vencer o Festival Eurovisão da Canção pela primeira vez. Com esta actualização dos FFF, será que alguma proximidade entre política e futebol continua a manifestar-se de alguma forma?

Nesta artigo procurar-se-á descrever no que consistia os FFF, dando maior destaque ao futebol e às suas relações com a política; como é que os FFF terão resistido à queda do regime e de como se voltaram a apresentar num outro enquadramento político. Nesta perspectiva, tentar-se-á também estabelecer pontos de contacto entre o futebol e diversas abordagens políticas ou politizadas em que ele surge de forma mais ou menos óbvia.

No panorama português, a associação entre futebol e política é recorrente tanto no presente como no passado. O futebol sempre esteve bem representado em termos de imprensa diária, havendo actualmente três diários desportivos, *A Bola*, *O Record* e *O Jogo*, que concentram a sua atenção maioritariamente no futebol e têm um volume de tiragens e vendas bastante alto no mercado da imprensa portuguesa. Em outros meios de comunicação, rádio, internet e sobretudo na

televisão, os programas de debate futebolístico multiplicaram-se por todos os canais de televisão portugueses, havendo alguns canais com emissões diárias, onde se analisa, comenta, debate não só as jornadas semanais, como se prevê e se faz o lançamento dos jogos principais e ainda se discute o mercado de transferências, a prestação do árbitro e demais polémicas que sejam protagonizadas por jogadores ou dirigentes desportivos. A futebolização da televisão portuguesa verificou-se nas últimas décadas, não só com esse tipo de programa acima descrito, mas também por notícias do mundo do futebol abrirem telejornais ou merecerem emissões em directo.

A preponderância do chamado desporto-rei não é um fenómeno recente, mas talvez agora com a globalização da informação ela seja mais visível. No entanto, o futebol encontra-se marcado na memória colectiva em conjunto com outros dois fenómenos: Fado e Fátima e, por sua vez, estes três elementos estão associados ao Estado Novo, os chamados FFF.

Fado, Fátima e Futebol são comumente referidos como uma política não oficial do Estado Novo como decalque da política romana do *Panis et Circus*. Tanto num como noutro caso, os elementos em causa serviam como forma de entretenimento do povo, de uma maneira manipuladora para o distrair da realidade do país. A improbabilidade da conjugação de três elementos completamente díspares, uma crença religiosa, um tipo de música e uma modalidade desportiva, deve-se à coincidência temporal da subida de popularidade e ao grande êxito obtido durante o regime político ditatorial. Contudo, a existência dos FFF é prévia ao surgimento do Estado Novo. O futebol e o fado tiveram a sua origem em tempos monárquicos e as aparições de Fátima ocorreram durante a Primeira República.

O fado apareceu no final do século XIX em bairros marginais de Lisboa e foi ascendendo em termos sociais ao longo das décadas seguintes, conseguindo transformar-se, durante o Estado Novo, na canção nacional, atingindo o auge na voz de Amália Rodrigues, nas décadas de 40 e 50. As aparições de Fátima datam de 1917, todavia só mais tarde em 1930 foram reconhecidas pela Igreja. O futebol surgiu em terras lusas no final do século XIX através de ingleses que viviam em Portugal e de rapazes portugueses que viviam em Inglaterra. A modalidade foi desenvolvendo-se e espalhou-se pelo país, sendo formadas equipas e organizados

campeonatos regionais e nacionais, chegando o futebol português ao seu primeiro período de glória nos anos 60. Com efeito, é em pleno Estado Novo que estes fenómenos obtiveram mais sucesso e daí se terem tornado numa ferramenta política apetecível. De qualquer forma, vale a pena referir que o futebol já era extremamente popular durante a I República Portuguesa antes do advento do Estado Novo.

O Estado Novo, tal como outros regimes ditatoriais, fazia a apologia da prática de desporto, mas no caso português pretendia-se que se enrijecesse o corpo e o espírito dos praticantes, uma vez que o exercício físico teria uma função terapêutica e uma função pedagógica. Terapêutica por enrijecer o corpo individual dos praticantes e por consequência o da nação e pedagógica por apoiar os valores morais defendidos pelo regime: disciplina, hierarquia, respeito pela lei, respeito pelo adversário, controlo das emoções, etc.¹ Nessa medida, a profissionalização do desporto, nomeadamente do futebol, viria a pôr em causa as virtudes da modalidade por envolver dinheiro e por comercializar de certa forma os valores defendidos, por isso a profissionalização do futebol foi proibida em 1943. Na verdade, o futebol não era de todo o desporto eleito pelo regime, que seria eventualmente a ginástica, uma vez que o futebol ao fomentar as emoções das partes envolvidas, tanto desportistas como espectadores, inviabilizava os valores preconizados pelo Estado Novo, como a disciplina, a hierarquia, o respeito, etc., dando lugar a sentimentos contrários, como a exaltação das emoções e a inexistência de controlo sobre si próprio. Mesmo assim, se o futebol se foi democratizando e nos anos 20 já era uma modalidade amplamente difundida, o mesmo não se pode dizer do regime político. A Primeira República passou década e meia em constante turbulência e, com a chegada da Segunda República, verificou-se que este regime político optou por enveredar pelo sentido contrário ao da democracia. O estrangulamento consequente e progressivo das liberdades dos portugueses não impediu que o futebol mantivesse altos níveis de popularidade tanto no país, como também ao longo do Império Português.

Nas províncias ultramarinas, o futebol também gozava de grande popularidade, sendo criadas filiais dos grandes clubes portugueses localmente,

¹ s/a. Futebol no Estado Novo, *Jornal Record*, 26.04.2014.

como por exemplo o Sporting Clube de Lourenço Marques² em Moçambique ou o Sport Luanda e Benfica³ em Angola. Para além dos campeonatos locais, verificava-se também a hipótese do ingresso num clube da Metrópole. Esta oportunidade que o futebol oferecia era aproveitada e otimizada por muitos, não só pela mera possibilidade de participar em campeonatos mais competitivos, mas acima de tudo por terem acesso a uma série de oportunidades que não seriam tão óbvias nas cidades de origem. Muitos destes jogadores viam o futebol como uma prova de aferição para poderem estudar e ingressar numa Universidade. Apesar de clubes como Benfica ou Sporting (mas também o Belenenses) serem os mais populares e vitoriosos a nível desportivo, era a Académica de Coimbra um dos clubes mais desejados, pois a sua equipa era exclusivamente constituída por estudantes da Universidade de Coimbra. Já na altura, a carreira de jogador era relativamente curta e por isso, para muitos, a garantia de que tiravam um curso de forma paralela servia para assegurar uma carreira futura fora do futebol. Todos os clubes com mais relevância tinham “olheiros” a assistir jogos dos clubes nas colónias de forma a recrutar futuras promessas do futebol português. Nomes como Mário Coluna, Matateu, Mário Wilson, Hilário e, claro, Eusébio foram apenas alguns de muitos que fizeram este percurso. O futebol criava uma espécie de meta-sociedade, de acordo com Collison (citado por Domingos e Nascimento) ou uma “comunidade de jogo onde os jovens atletas encontram uma arena de negociação de processo de transição [para a vida adulta]”.⁴

Na década de 60, o futebol português dominava o futebol europeu a nível de clubes. O Sporting ganhou nessa década a Taça dos Clubes Vencedores de Taça em 1964 e nesses dez anos, o Benfica venceu a Taça dos Clubes Campeões Europeus por duas vezes (em 1961 e 1962) e foi finalista por outras três vezes (em 1963, 1965 e 1968), ou seja, neste intervalo de tempo o Benfica jogou cinco vezes a final. A preponderância do Benfica no futebol nacional e internacional devia-se a, entre outros, um jogador oriundo das colónias: Eusébio da Silva Ferreira. Já em termos internacionais, a selecção nacional contava essencialmente com derrotas no seu

² DOMINGOS. O futebol Português em Moçambique como memória social.

³ Conf. Wikipédia.

⁴ DOMINGOS; NASCIMENTO. Em torno das práticas desportivas em África, p. 12.

currículo, todavia tudo mudou em 1966. A selecção conseguiu apurar-se pela primeira vez para a fase final de um campeonato do mundo, causou sensação ao eliminar fortes candidatos, nomeadamente o Brasil, campeão em título, foi progredindo na competição e avançou até às meias-finais, sendo derrotado aí pela anfitriã Inglaterra. O 3º lugar alcançado foi durante largas décadas o melhor posto numa competição internacional (sendo ultrapassado com o 2º lugar no Euro 2004 e o 1º lugar no Euro 2016). Eusébio fora então galardoado como melhor marcador do torneio.

Um dos pilares do Estado Novo era o nacionalismo, por isso não foi de estranhar que as vitórias dos clubes portugueses e da selecção nacional fossem aproveitados para serem incluídas num discurso fortemente nacionalista. Não eram os clubes que tinham sido bem-sucedidos, tinha sido Portugal, ou seja, há um aproveitamento político dessas vitórias internacionais. O alargamento destes êxitos consistiram mais numa manobra que tirou partido de uma situação pontual do que uma manipulação premeditada. No entanto, os sucessos continuados dos clubes prolongaram o discurso nacionalista que estendia essas glórias a todo o país e não apenas aos adeptos do clube em questão. Tal como João Nuno Coelho explica:

o futebol propicia a criação da tal unidade nacional, que é a pedra de toque do nacionalismo, fazendo-nos crer que somos todos iguais, todos os portugueses, todos juntos. [...] E porque o futebol faz a tal representação da nação como interesse supremo é que muitas vezes o discurso reproduzido pelos jornalistas e também pelos políticos coloca o interesse da selecção acima de todos os outros interesses, dizendo, em termos simbólicos, que o que interessa é a nação.⁵

Nesta medida e numa sequência de vitórias, os jogadores eram postos num pedestal e consistiam em autênticos heróis. Eusébio ainda conseguiu ir mais longe e alcançar o patamar de símbolo nacional. Não deixa de ser interessante que um jogador oriundo das antigas colónias se tornasse num estandarte português, mas este e outros jogadores com a mesma proveniência além de enriquecer o futebol português, servia de argumento político para justificar a unidade do Portugal multi-continental e refutar pressões internacionais que visavam a descolonização. A selecção nacional contava com jogadores de várias partes do Império e era

⁵ COELHO, A excessiva importância social e política que damos ao futebol é ditatorial e asfixiante, *Público*, 20.06.2004.

consequentemente multi-racial, o que ilustrava um Império Português equilibrado, onde todos têm um lugar, de onde todos fazem parte.

No entanto, não era apenas o regime que se servia do futebol para atingir determinados objectivos, também as vozes contra o Estado Novo valeram-se do futebol para veicularem notícias e informações que caso contrário não passariam nas malhas da censura. Um bom exemplo dessa estratégia foi o recurso ao rescaldo de um jogo de futebol para dar conta de uma tentativa de golpe falhado. No jornal, *A República*, de 18 de Março de 1974,⁶ surgia a seguinte notícia:

Sporting 2 – FC Porto 0

QUEM TRAVARÁ OS LEÕES?

Os muitos nortenhos que no fim-de-semana avançaram até Lisboa sonhando com a vitória acabaram desiludidos com a derrota. O adversário da capital, mais bem organizado e apetrechado (sobretudo mais bem informado da sua estratégia), contando ainda com uma assistência fiel, fez abortar os intentos dos homens do Norte. Mas parafraseando o que em tempos dissera um astuto comandante, perdeu-se uma batalha, mas não se perdeu a guerra.

O que à primeira vista parecia ser um mero relato do jogo, acaba por revelar nas entrelinhas o seguinte

A 16 de Março de 1974, militares do regimento de Infantaria 5, aquartelados nas Caldas da Rainha, insubordinaram-se e avançaram tropas da companhia aero-transportada em direcção a Lisboa. O Governo já estaria previamente avisado desta tentativa de revolução e quando os revoltosos chegaram à capital tinham à sua espera forças dos regimentos de Artilharia 1, de cavalaria 7 e da GNR. Regressaram às Caldas e, de acordo com o comunicado emitido nesse sábado pela Direcção Geral da Secretaria de Estado do Turismo e da Informação, ter-se-ão “rendido sem resistência”. Este golpe tem sido apontado como um primeiro ensaio para a Revolução de Abril e serviu de inspiração para uma crónica de um jogo entre o Sporting e o F.C. Porto, realizado no dia 17 de Março:⁷

Observa-se assim que o futebol era um meio político independentemente da sua orientação, pois prestava-se a fins diversos. Será que esta permeabilidade do

⁶ s/a, Quem travará os leões?, *A República*, 18.03.1974.

⁷ TEIXEIRA. 25 de Abril: como fintar a censura numa crónica de um jogo, *Mais Futebol*, 24.04.2004.

futebol a interesses políticos ainda se verifica num regime democrático? Será que os FFF sobreviveram ao 25 de Abril e ainda se manifestam?

A grande cisão ideológica desencadeada pela Revolução dos Cravos e a tentativa de expurgar a sociedade portuguesa de tudo o que estava associado ao Estado Novo foram notórios, todavia, foi neste enquadramento pós-revolução que se estabeleceu a ligação de forma retroactiva entre os FFF e o Estado Novo. Mesmo assim e apesar desta associação, os FFF conseguiram sobreviver aos ventos de mudança de forma quase ilesa.

O Fado talvez tenha sido o F que tenha sentido mais dificuldade, com o aparecimento de outras correntes musicais nos anos 70 e 80, como a canção de intervenção, o rock/pop português, que dominavam o panorama musical português. No entanto, ele ganhou um novo fôlego nos anos 90, com a sua própria reinvenção através da permeabilidade a influências de outros quadrantes musicais, com Paulo Bragança, Mísia e mais tarde ao dobrar do milénio, Mariza. Estes fadistas impulsionaram toda uma nova vaga de fado (Ana Moura, Carminho, Camané, Cristina Branco, etc.). O fado voltou ao seu estatuto de canção nacional e também convenceu internacionalmente ao conseguir o galardão de Património Cultural Imaterial da Unesco em 2011.

Fátima e Futebol nunca perderam a sua popularidade, a devoção dos seus crentes nem o entusiasmo dos seus adeptos, mas ganharam grandes incentivos nas últimas décadas do séc. XX e início do séc. XXI. Nossa Senhora de Fátima era muito estimada pelo Papa João Paulo II, que lhe devia a vida, por estar convicto que foi aquela que o protegeu no atentado de que foi alvo em 1982. A prova desse agradecimento foi a oferta da bala que atingiu o Sumo Pontífice e que se encontra presentemente incrustada na coroa de Nossa Senhora de Fátima.

O futebol português depois de uma quebra de resultados internacionais de cerca de década e meia (anos 70 e início da década de 80) voltou a ter sucessos a nível internacional de clubes (com a vitória da Taça dos Campeões Europeus da Supertaça UEFA e da Taça Intercontinental pelo Futebol Clube do Porto em 1987), mas foi sobretudo com o regresso a fases finais dos campeonatos da Europa em 1984 em França, do Mundo em 1986 no México e depois com a chamada “Geração de Ouro” que o entusiasmo pela selecção nacional voltou a crescer. Esta geração de

jogadores tinha conseguido sagrar-se campeã do mundo na categoria sub-20 por duas vezes consecutivas (1989 e 1991) e contava com nomes como Rui Costa, Luís Figo e João Vieira Pinto, por isso as expectativas e o entusiasmo para a sua prestação na selecção era grande. A presença portuguesa passou a ser regular em campeonatos do Mundo e da Europa a partir de 1996 e as campanhas foram sendo mais bem sucedidas nos campeonatos europeus do que nos campeonatos do mundo, apesar de nunca ter conseguido ganhar prova nenhuma.

A partir da III República, ou seja, no pós 25 de Abril, a proximidade entre futebol e a política adquiriu outros contornos, onde políticas geográficas e sociais também vieram a aparecer. Como já foi referido a ascensão do FC Porto no panorama nacional e internacional fez com que o clube ganhasse uma grande projecção. Além dos resultados desportivos, o presidente do clube desde 1982, Jorge Nuno Pinto da Costa, destacou-se muito na sociedade portuguesa por dinamizar a ideia de que o “Porto é uma Nação” e que acabou por proporcionar uma rivalidade clubística entre norte e sul, que rapidamente se estendeu a uma rivalidade que ia além do mero desporto. Por outro lado, a proximidade e até promiscuidade entre dirigentes futebolísticos e o poder local (presidentes de clubes de futebol que exerciam cargos políticos ou vice-versa). Em termos de fronteiras geográficas, passou a ser permitido a jogadores estrangeiros naturalizados portugueses poderem jogar na selecção nacional, como foi o caso dos brasileiros Pepe, Deco e Liedson. Também a selecção nacional voltou a ter um seleccionador brasileiro: Luiz Felipe Scolari (2003 – 2008). Antes disso outro brasileiro, Otto Glória, tinha sido treinador de campo da selecção nacional em 1966. Ainda a outro nível geográfico, o futebol serve de grande elemento de ligação entre os portugueses emigrados e Portugal, levando em si uma forte carga identitária.

Luiz Felipe Scolari teve um papel fundamental na euforia que se gerou à volta da selecção, quando Portugal foi o anfitrião do Europeu de 2004. Era a primeira vez que Portugal recebia um evento futebolístico de tal envergadura, por isso a jogar em casa e com um bom grupo de jogadores, a selecção tinha muitos factores vantajosos para fazer uma campanha memorável e ser um dos favoritos. Scolari ecoou o apelo feito pelo então comentador televisivo Marcelo Rebelo de Sousa para que os portugueses apoiassem a selecção nacional, sugerindo inclusive

que se pendurasse uma bandeira em cada janela do país. A sugestão não só foi acarinhada pelo seleccionador, como pelo presidente da Federação Portuguesa de Futebol, Gilberto Madaíl, mas praticamente pelo país inteiro. Os portugueses aderiram em massa e de repente havia bandeiras portuguesas penduradas em todo o sítio: janelas dos prédios, carros, lojas. Toda a gente queria demonstrar o seu apoio à selecção nacional. O sentimento patriótico que se gerou poderia fazer lembrar demonstrações nacionalistas do Estado Novo, mas isso não aconteceu. No entanto, verificou-se o fenómeno de sobreposição da entidade “selecção nacional” à de Portugal, enquanto país, e por arrastamento a de todos os portugueses. Era possivelmente a última oportunidade da chamada “Geração de Ouro” de ganhar um título internacional. O apoio popular foi total e sentia-se e vivia-se por todo o país. A selecção fez uma campanha brilhante até à final, mas aí acabou por perder o jogo com a Grécia, com quem curiosamente também tinha jogado e perdido no jogo inaugural do certame.

Desde o regresso de Portugal a fases finais de campeonatos internacionais, o sentimento de posse transmitido começou a transformar-se na equiparação progressiva entre a selecção nacional e o próprio país. O hino da selecção de 1984 dava pelo título “A selecção de todos nós”, ou seja, a equipa de futebol deveria ser encarada como um bem comum, que era de todos os portugueses. Na década seguinte, um dos patrocinadores oficiais da selecção continuou a insistir nesta ideia de posse como seu próprio slogan “A nossa selecção”. Veja-se o anúncio de 1995, onde se recorre não só a figuras do mundo futebolístico, mas também outras referências portuguesas de outros campos artísticos, desde o cinema à moda, do body board à música, do teatro à televisão. Todas as pessoas de todo o meio artístico-cultural estavam com a selecção. A letra da canção que acompanhava o sport publicitário era a seguinte:

Esta alma portuguesa que é nossa há tanto tempo, sempre junto ao coração, está a história desta paixão. A diferença é que [xxx] do orgulho natural é que haja sempre uma vitória desta gente tão portuguesa. Haja sempre esta sede de vencer por Portugal, Sagres é a selecção, sempre junto ao coração. Cerveja Sagres, a nossa selecção.⁸

⁸ Anúncio publicitário: Sagres, A nossa selecção.

As campanhas de apoio à selecção nacional, que se sucederam, continuaram com esta estratégia de identificação, por um lado, diminuindo o número de famosos portugueses nos seus anúncios e incluindo o cidadão comum. Por outro lado, o slogan “a nossa selecção” passou a “nós somos selecção”. Observe-se o texto da campanha de 2012:

Nós somos futebol, nós somos honra e glória, somos acreditar, somos fé na vitória. Nós somos escudo ao peito somos guerra e paixão, somos a esperança, nós somos selecção. Somos de norte a sul, somos nação valente, somos conquistadores, somos de toda a gente e somos nós. Nós somos bons de bola, somos habilidosos, somos belos artistas, somos talentosos, somos brasão e quinas, orgulho nacional, somos a cerveja, nós somos Portugal. Somos heróis do mar, somos grande nação, somos a voz que canta, nós somos selecção, somos nós.⁹

O estilo apelativo da letra é notório, recuperando-se elementos históricos e do



hino nacional: “nação valente”, “conquistadores”, “honra e glória”, “guerra”, “brasão e quinas”, “heróis do mar”, apelando-se às emoções e ao irracional: “fé na vitória”, “esperança”, “paixão”, “orgulho”. Por outro lado, procura-se não excluir ninguém “de norte a sul” e equiparando todos à “grande nação” que afinal “somos nós”.

A estratégia da campanha de 2016 ainda conseguiu ir mais longe, ao ponto de pôr 11 milhões de portugueses em campo, recrutando, para esse efeito, todos os portugueses “Portugal precisa de ti!” (decalcado do clássico “America needs you!”), sendo o protagonista deste cartaz publicitário Ricardo Araújo Pereira, um dos mais populares humoristas portugueses.

A concretização desta recruta consistiu em colocar cidadãos comuns ao lado dos jogadores de futebol (no caso, Adrien e João Mário) mostrando que cada um poderia contribuir à sua maneira, mas que todos teriam um papel a cumprir.

⁹ Anúncio publicitário: Sagres, Somos selecção.

Repare-se que todos eles estão ligados por um cachecol, ilustrando a ideia de unidade entre toda a população.



Neste campeonato, assistiu-se ao surgimento de alguns vídeos montados por cidadãos portugueses, a título individual, que rapidamente se tornaram virais. Nos vídeos o emissor era Portugal, isto é, os portugueses que se dirigiam aos jogadores, proferindo um discurso de unidade de todos e recuperando não só glórias e tragédias futebolísticas, mas também referências históricas, apelando ao espírito de grupo para atingir (mos todos) a glória. O primeiro destes vídeos motivacionais dizia o seguinte:

“Não perguntes o que a tua pátria pode fazer por ti. Pergunta o que tu podes fazer por ela.” (relato)

Portugal, para muitos, um paraíso no Atlântico, para outros, aqueles que por mais que prometam, se vergam sempre nos momentos de decisão.

Se tu me puderes ouvir antes de subires ao relvado, fecha os olhos e lembra-te onde estavas há 12 anos atrás (Euro 2004). Tirando o Cristiano e o Ricardo Carvalho, provavelmente eras um dos 11 milhões que sonhava, que orgulhosamente exhibia à janela uma bandeira, que reunia amigos e família para ver os nossos heróis e que após cada êxito nosso invadia cantos e recantos das nossas ruas de bandeira na mão.

Há 12 anos atrás não havia uma única alma que não acreditasse neles! Quem de vocês não chorou de alegria quando o Ricardo (guarda-redes) tirou as luvas e com as suas próprias mãos segurou a crença de uma nação! (O próprio Ricardo marca o penálti que faz com que Portugal passe a eliminatória) (Surge a imagem Eusébio)

“Em 2004, o povo português uniu-se e invadiu as estradas e as auto-estradas, a pé ou a cavalo, criando assim o maior cordão humano da história que se iniciou em Alcochete e terminou na Luz”.

É mentira aquele que diz que na memória só fica quem vence, na memória fica quem convence, quem brilha, quem espalha magia e deixam lembranças que ainda hoje nos arrepiam a espinha. Tu lembraste daquela caminhada do nosso autocarro de Alcochete até à Luz.

Já viste, quem diria que 12 anos depois, serias tu o escolhido para escrever a *história da nossa nação*. Hoje somos nós que exibimos essa bandeira. Hoje és tu e o homem ao teu lado que subirão ao relvado. Hoje és tu e muito mais que 11 milhões. Já fomos postos à prova vezes sem conta, mas agora começa a vossa história. E vocês vão fazer algo ímpar! Hoje são vocês que nos fazem pensar que não há impossíveis: cumprirão o destino de 11 milhões de imortais lutadores e pintarão o vosso nome no livro da glória. E agora? Agora acabaram-se os “ses”. Se a bola não tivesse batido no poste, se não tivesse falhado... se...

Basta! Isto agora não é só um sonho, agora é o nosso destino! Vão quebrar o mais duro dos adversários e farão tremer o mais seguro dos inimigos. Mostrem como se une um país, sejam a razão de uma crença ser igual! Sabes, é na Selecção que eu tenho um momento único na vida onde eu e o meu pai podemos festejar um golo juntos. Vocês são os únicos no mundo que fazem rivais abraçarem-se à volta de um golo e conseguem que várias cores se juntem numa só, completando assim a vossa bandeira e aqueles que desconfiam do vosso talento, do vosso amor e da vossa dedicação, liderem o caminho, perdoarão a desconfiança no final e eles provarão para dizer no fim “CONSEGUIMOS”!

Vá lá, será que tens noção de que vocês são a única selecção que a jogar fora do seu país está a jogar em casa!

Vocês são a representação da nossa alma, da alma daqueles que não vos vão largar por um segundo, porque o vosso sucesso é a alegria de uma nação valente e imortal, a morrer de fome de conquistas. Ao contrário do que se diz por aí, esta fome não se alimenta de promessas, mata-se com troféus.

Agora vai lá para dentro e lembra-te de que foste o escolhido para lutar pela pátria e se do outro lado estiverem 11 canhões apontados para ti, lembra-te que do teu estão 11 milhões a lutar contigo sobre esse canto que agora será reinado por vocês.

“Unidos venceremos, divididos... cairemos”.¹⁰

É um discurso altamente patriótico que se faz sentir, onde se cria uma imagem épica e fatalista do povo português, que oscila entre os 11 milhões de portugueses e os 11 jogadores em campo. Ficam aqui em destaque uma série de palavras ou expressões que seriam facilmente enunciadas durante o Estado Novo pela sua carga nacionalista: “bandeira” (x4), “os nossos heróis” , “o povo português”, “o destino de 11 milhões de imortais lutadores”, “o nosso destino”, “nação valente e imortal”, “foste o escolhido para lutar pela pátria”, “11 canhões”.

¹⁰ Vídeo motivacional para a selecção nacional.

A mensagem fortemente patriótica que se queria motivadora tinha como destinatário os jogadores, que de cidadãos comuns e adeptos da selecção se transformam em heróis, que teriam a capacidade de alcançar a glória mais do que merecida. De alguma forma, podemos reconhecer um pouco de D. Sebastião em cada um deles. O mito sebastiânico de que Portugal voltará a ser uma nação grande e poderosa poderá ser lida também nas entrelinhas desta mensagem. Os jogadores de futebol no colectivo “selecção nacional” encarnam os mitos portugueses, a melancolia e a tragicidade da condição do ser português, mas mais do que isso. Tal como durante o Estado Novo, a selecção não era apenas o comprovativo internacional de um Portugal multi-racial, mas também consistia inclusivamente de uma plataforma de ascensão social para os jogadores das antigas colónias. Agora a selecção continua a ter esse mesmo papel de plataforma inclusiva de uma sociedade que não tem preconceitos rracicos, étnicos ou de outro tipo de minorias, que funciona como elevador social para elementos de grupos minoritários ou franjas da população mais desfavorecida. Tomando como exemplo, a selecção de 2016, encontram-se jogadores com ascendência dos países dos PALOP, por exemplo: Nani de Cabo Verde, Éder da Guiné-Bissau, Renato Sanches de São Tomé, João Mário e William Carvalho de Angola; jogadores com nacionalidade adquirida: Pepe do Brasil; filhos de emigrantes em França: Adrien Silva e Raphaël Guerreiro e na Alemanha: Cedric Soares; jogadores de etnia cigana: Quaresma; jogadores de camadas sociais muito desfavorecidas: Cristiano Ronaldo. Mais uma vez, a selecção apresenta-se como amostra social perfeita, que na verdade não se vê em mais lado nenhum no país real. O futebol acaba por criar ídolos que servem de modelos comportamentais. Em Portugal, as únicas pessoas que tiveram direito a estátuas durante a sua vida foram precisamente futebolistas: Eusébio no Estádio da Luz, Cristiano Ronaldo no Funchal e Rui Patrício em Leiria.

Face a esta mobilização do futebol português, como se caracteriza o panorama político nacional? Portugal encontra-se numa conjunção política ímpar, tanto no que toca ao governo como ao Presidente da República. O XXI Governo Constitucional da República Portuguesa, liderado por António Costa, foi constituído de forma bastante inesperada, uma vez que o Partido Socialista (2º lugar das eleições legislativas de 2015) solicitou o apoio dos partidos à sua

esquerda (Partido Comunista, Bloco de Esquerda e PAN) conseguindo assim superar a coligação vencedora do acto eleitoral (Partido Social Democrata e Centro Democrático Social). Os partidos mais à esquerda sempre estiveram na oposição e por isso foi uma surpresa aceitarem apoiar um governo. A esta combinação improvável das esquerdas foi chamada pelo jornalista Vasco Pulido Valente¹¹ e repetida no Parlamento pelo então presidente do CDS, Paulo Portas, de “geringonça” e esta designação passou a ser frequentemente usada para a referência ao governo, chamando a si o factor improvisado e de pouca solidez deste tipo de construção. Já o actual Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, originário do espectro político mais conservador e católico, conseguiu precisamente o contrário, ganhou, sem qualquer apoio partidário, as presidenciais de 2016, à primeira volta, com 52% dos votos e desde então é um verdadeiro fenómeno de popularidade. De acordo com o *Jornal de Notícias*, a popularidade do Presidente em Novembro de 2016 era de 97%¹² e segundo o *Jornal de Negócios* em Junho de 2017, 40% dos portugueses teriam nessa altura intenção de votar no PS.¹³

Neste enquadramento político improvável e até surpreendente, o país melhorou os seus níveis económicos, viu o desemprego diminuir, etc, saindo da crise em que estava mergulhado há alguns anos. Assim sendo, uma aura de optimismo geral pairou sobre o Governo e Presidente da Republica, resultando em alguma satisfação e esperança por parte da população que tinha passado os anos anteriores embrenhada no pessimismo e cinzentismo dos anos e políticos anteriores.

Foi com esta constelação política e com o espírito optimista reinante, que Portugal conseguiu a proeza de conquistar o título de Campeão da Europa pela primeira vez num torneio internacional, a saber, o Campeonato de Futebol Europeu de 2016, na França. De repente, não tinha sido uma mera vitória futebolística, Portugal é que tinha ganho, os portugueses (todos) estavam de parabéns, o país ficou completamente eufórico. A ladainha melancólica de que Portugal tinha de cumprir o seu destino e alcançar a glória tinha resultado. Os jogadores foram tratados como heróis, foram recebidos pelo Governo e

¹¹ VALENTE. A geringonça, *Público*, 31.08.2014.

¹² BARBOSA. Nunca houve ninguém tão popular como Marcelo, *Jornal de Notícias*, 25.11.16.

¹³ ANTUNES. PS continua a crescer e PSD estabiliza, *Jornal de Negócios*, 09.06.17.

condecorados pelo Presidente da República assim que regressaram ao país. Cristiano Ronaldo, além da estátua que já tinha na Madeira, passou a ser o nome do aeroporto do Funchal.

No ano seguinte, 2017, viveu-se e celebrou-se o centenário das aparições de Fátima. O ponto alto das comemorações passava pela ida do Papa Francisco a Fátima e a canonização dos pastorinhos. Nos meses que antecederam o 13 de Maio, Portugal assistiu à comercialização de tudo relacionado a Fátima, desde filmes a livros, peças de teatro e musicais, moedas e colecções comemorativas, encontrando-se o alojamento em unidades hoteleiras num raio de 100km de Fátima esgotado um ano antes.

A 13 de Maio, dia da primeira aparição de Nossa Senhora de Fátima, ocorreu uma combinação completamente inacreditável. Além da visita do Papa a Portugal, aconteceram dois outros eventos que resultaram em grandes festejos. A partida entre Benfica e Vitória de Guimarães marcada para 13 de Maio a contar para a 33ª jornada (penúltima) do campeonato português, resultou em 5 golos do Benfica sem resposta, que fez com que se sagrasse tetracampeão pela primeira vez em 113 anos de história. Mas, o ainda mais incrível chegou ao final da noite. Nesse mesmo sábado, estava a decorrer o Festival da Canção, ou Eurovisão da Canção, e pela primeira vez, Portugal ganhou o evento com a canção “Amar pelos Dois” cantada por Salvador Sobral. Outro herói com a sua porção sebastiânica!

Com efeito, no mesmo dia (13 de Maio) Portugal voltou a ver conjugados e de forma triunfante os FFF, sendo que o F de fado fora transformado em festival. A população estava na rua e Portugal tinha voltado a ser os heróis do mar, a nação valente imortal!

Esta segunda versão ou actualização dos FFF foi recordada em diferentes meios de comunicação social e aproveitada por humoristas vários. Veja-se o exemplo da paródia de Miguel Lambertini à canção de Salvador Sobral, onde os FFF são postos em destaque.¹⁴

¹⁴ “Ganhar os dois”: Se um dia alguém / Perguntar por mim / Diz que fui a Fátima rezar / No dia 13 pela 4ª vez / Quero estar aos saltos no Marquês // Nossa Senhora, / ouve as minhas preces / Peço que o Benfica seja tetracampeão / E já agora, se não for pedir muito / Ajuda o Salvador a ganhar a Eurovisão... // Eu vou estar no estádio de cachecol no ar / Se tudo correr bem, / o

Em termos gerais e o que ficará na memória colectiva será que este período optimista onde Portugal conseguiu alcançar feitos tão celebrados (a vitória do Europeu 2016 em futebol, a vitória do Festival da Canção em 2017 e o Centenário das Aparições de Fátima) vai ser sempre associado à Geringonça liderada por António Costa e a Marcelo Rebelo de Sousa.

Na crónica “Habituem-se” Rui Tavares retirou as seguintes conclusões deste alinhamento cósmico improvável: Portugal também pode ganhar e largar de vez as chamadas “vitórias morais”, os “quases” e os “ses”. Para as gerações mais novas esta será a nova regra e não a excepção. O novo normal será Portugal ganhar competições internacionais, como qualquer outro candidato. O carácter de excepcionalidade com que as gerações mais velhas assistem a essas mesmas conquistas deixou de fazer sentido. Nessa medida, o discurso empreendedor que tinha sido já amplamente difundido por meios políticos e sociais distintos, teve aqui a sua validação: “Nós somos capazes! Conseguimos!”.¹⁵

Para concluir, a actualização dos FFF fez com que o orgulho português viesse ao de cima e fossem recuperados valores patrióticos, que tinham sido durante muito tempo associados exclusivamente ao Estado Novo. Agora sem essa carga ditatorial, o poder político quis aproveitar o ambiente de optimismo que se vive, aliado a esta lufada de ar fresco corado de vitórias internacionais para animar, motivar e promover o empenho no trabalho, o espírito criativo e sobretudo a crença de que somos capazes de ultrapassar obstáculos.

REFERÊNCIAS

CLEVELAND, Todd. Following the Ball: African Soccer Players, Labor Strategies and Emigration across the Portuguese Colonial Empire, 1949-1975. **Cadernos de Estudos Africanos**, Lisboa, n. 26, p. 15-41, 2013.

COELHO, João Nuno. A excessiva importância social e política que damos ao futebol é ditatorial e asfixiante. **Público**, 20.06.2004. Disponível em: <https://bit.ly/2KevYop>. Acesso em: 13 jan. 2018.

Jonas vai marcar, / Vai ser um dia repleto de emoções / Campeonato e Festival / Vamos ganhar os dois. Vídeo de Miguel Lambertini.

¹⁵ TAVARES. Habituem-se, *Público*, 15.05.2017.

COELHO, João Nuno. “Vestir a camisola” – jornalismo desportivo e a selecção nacional de futebol. **Media & Jornalismo**, p. 27-39, 2004.

DOMINGOS, Nuno; NASCIMENTO, Augusto. Em torno das práticas desportivas em África. **Cadernos de Estudos Africanos**, Lisboa, n. 26, p. 7-12, 2013.

DOMINGOS, Nuno. O futebol Português em Moçambique como memória social. **Cadernos de Estudos Africanos**, Lisboa, n. 9/10, p. 113-127, 2006.

MARTINS, Christiana. O futebol português desdramatiza o preconceito. **Expresso**, 13.07.2016. Disponível em: <https://bit.ly/2Hs2fuJ>. Acesso em: 13 jan. 2018.

TAVARES, Rui. Habituem-se. **Público**, 15.05.2017. Disponível em: <https://bit.ly/2Hs2INs>. Acesso em: 13 jan. 2018.

TEIXEIRA, Olga. 25 de Abril: como fintar a censura numa crónica de um jogo. **Mais Futebol**. 24.04.2004. Disponível em: <https://bit.ly/2Fge3KB>. Acesso em: 13 jan. 2018.

TIESLER, Nina Clara; COELHO, João Nuno. O futebol globalizado: uma perspectiva luso-cêntrica. **Análise Social**, Lisboa, n. 179, p. 313-343, 2006.

TIESLER, Nina Clara. Diasbola: Futebol e emigração portuguesa. **Etnográfica**, n. 16 (1), p. 77-96, 2012.

VALENTE, Vasco P. A geringonça. **Público**, 31.08.2014 Disponível em: <https://bit.ly/2KfTu4A>. Acesso em: 13 jan. 2018.

BARBOSA, Rafael. Nunca houve ninguém tão popular como Marcelo. **Jornal de Notícias**. Disponível em: <https://bit.ly/2FhahR1>. Acesso em: 13 jan. 2018.

ANTUNES, Sara. PS continua a crescer e PSD estabiliza. **Jornal de Negócios**. Disponível em: <https://bit.ly/2Hs4FVP>. Acesso em: 13 jan. 2018.

s/a. Futebol no Estado Novo. **Jornal Record**, 26.04.2014. Disponível em: <https://bit.ly/2FfjVUr>. Acesso em: 13 jan. 2018.

VÍDEOS

Anúncio publicitário: Sagres, A nossa selecção: Disponível em: <https://bit.ly/2HOOHJ8>. Acesso em 13 jan. 2018.

Anúncio publicitário: Sagres, Somos selecção: Disponível em: <https://bit.ly/2KajXAp>. Acesso em 13 jan. 2018.

Lambertini, Miguel. “Ganhar os dois”. Disponível em: <https://bit.ly/2Kcjde6>. Acesso em 13 jan. 2018.

Vídeo motivacional para a selecção nacional: Disponível em: <https://bit.ly/2qYmfde>. Acesso em 13 jan. 2018.

* * *

Recebido para publicação em: 14 mar. 2018.
Aprovado em: 09 maio 2018.